

ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE DIVERSIDADE: VIVÊNCIAS DE UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Claudiene dos Santos Oliveira Pereira^{1*}, Bárbara Carvalho Ferreira², Raquel Schwenck de Mello Vianna Soares³

¹ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Educação, Diamantina, Minas Gerais, 39100-000.

² Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, , Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas, Diamantina, Minas Gerais, 39100-000.

³ Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Programa de Pós-Graduação em Educação, Diamantina, Minas Gerais, 39100-000.

*e-mail: claudiene.oliveira@ufvjm.edu.br

O Estágio Supervisionado trata de uma etapa importante para os futuros professores por possibilitar a associação entre a teoria adquirida no âmbito da universidade, com a prática observada nas instituições escolares. Nessa perspectiva, permite ao licenciando refletir e problematizar, ainda no contexto da formação inicial, sobre essas práticas. Este relato discorre sobre experiências no Estágio Supervisionado de Diversidade do curso de Pedagogia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), com foco na Educação Especial na Perspectiva Inclusiva. O objetivo foi analisar o processo de inclusão de uma criança de quatro anos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), em um Centro de Educação Infantil (CMEI), durante quinze dias, perfazendo 90 horas. A metodologia adotada foi a qualitativa e consistiu: na observação da criança e acompanhamento do trabalho das professoras de apoio e regente; entrevistas com as docentes a fim de saber questões sobre sua atuação, e, ao final, houve uma intervenção com apresentação de sugestões às professoras e à mãe da criança, visando aprimorar sua qualidade educacional. Os dados foram registrados em um diário de campo com o intuito de auxiliar na análise. Como resultado, notou-se que a professora de apoio demonstrou cuidado com a criança, mas em alguns momentos não a dava autonomia. Ela desenvolveu a flexibilização de atividades, além de utilizar objetos lúdicos (principalmente massinhas e tinta), os quais despertavam o interesse da criança. Além disso, procurava manter uma comunicação constante com os pais e outros profissionais, sempre buscando sanar dúvidas. A professora regente, embora procurasse interagir com a criança, a evitava durante as crises. Tornou-se notório que a docente considerava que a responsabilidade pelo processo de ensino-aprendizagem era apenas da professora de apoio. A relação da criança com os demais colegas mostrou-se limitada, pois a própria criança buscava sempre se isolar. Quanto à intervenção realizada, baseou-se nas observações feitas e envolveu sugestões as professoras e mãe da criança, sendo uma delas a criação de um caderno para comunicação entre os professores e terapeuta ocupacional, além da fonoaudióloga, o desenvolvimento de rotinas visuais em casa e em sala de aula, e por fim, a importância das flexibilizações. Conclui-se que assegurar a inclusão é uma tarefa de todos aqueles que estão no cenário escolar. Assim, é fundamental que estejam atentos às necessidades educacionais de todas as crianças, bem como compreendam que as diferenças são inerentes a todos os espaços sociais, e na escola não seria o contrário.